



SOB BOLETIM

MARÇO/ABRIL 1985 - ANO I Nº 4



A
C
R
I
A
Ç
Ã
O
D
O
P
A
P
A
G
A
I
O
A
m
a
z
o
n
a

a
a
e
s
t
i
v
a

E
M
C
A
T
I
V
E
I
R
O

N
e
l
s
o
n
M
a
c
h
a
d
o
K
a
w
a
l
l

A
u
t
o
r
:

DOIS FILHOTES NASCIDOS EM 1984 - Foto de Haroldo Palo Junior

Já há alguns anos venho tentando a procriação de diversas espécies de papagaio em cativeiro. Vou relatar agora a experiência que obtive com um casal do chamado "papagaio baiano", assim também denominado, pois é originário em grande parte daquela região do Brasil, e também porque tem a fama de falar bastante e bem. O macho eu ganhei de um amigo pois era e é extremamente bravo e ataca qualquer pessoa (homem ou mulher) com extrema ferocidade.

Deve ter hoje mais de 10 anos pois só comigo já está há uns 8 anos. A fêmea deve ter cerca de 8 anos e é ligeiramente mais clara, tendo o bico e os pés também mais claros que o normal. "Apaixonaram-se" desde o primeiro dia que os juntei há uns 6 anos atrás. Coloquei-os num viveiro padrão, para criação, de 1.00 x 1.00 com 0.80m de profundidade. Piso, laterais e teto de compensado de 6m/m. Fundo e frente de tela. Ninho de madeira com 0,40 x

0,40 com 0,50m de altura e piso coberto com camada de 0,05m de serragem grossa.

Alimentação - girassol como base, milho verde, cana, verdura, frutas, alpiste, aveia, arroz com casca. Papa de fubá com aditivos (vitamina E- farinhas diversas-Meritene ou Gevral). Ração granulada de cachorro e pedacinhos de cal.

O casal demonstrou condições de criar logo ao primeiro ano de acasalamento. Por volta de setembro de 1980, depois de 20 dias de intensa cópula a fêmea botou. Chocou perfeitamente. Largou o ninho perto de 35/40 dias. Havia 4 ovos gorados. De novo em setembro de 1981, sem eu ter percebido nenhum sinal em especial, a fêmea botou e chocou. Depois de 25/30 dias (eu não espio ninhos), notei que nasceram filhotes. A fêmea saía e comia mais, procurando avidamente a "papa". O macho progressivamente entrava no ninho (quase sempre quando a fêmea estava fora). Depois de 15/20 dias, escutava-se pequenos ruídos dos filhotes ao serem alimentados.

O consumo da "papa" diminuiu. Aumentou a procura do milho verde e do girassol. A verdura era comida avidamente, principalmente as folhas. O revestimento era perfeito; a quantidade que cada um dos pais fornecia devia estar por volta de 50% - para cada um deles. Isso permaneceu até ao "desmame" final.

Em torno de 30 dias, eu já podia ver a cabeça do filhote mais velho aparecendo à boca do ninho. Infelizmente (até hoje não sei a razão) num dado momento, senti um forte cheiro proveniente do ninho. Retirei-o e constatei um filhote totalmente empenado, um 2º filhote morto já quase em decomposição e um 3º filhote com talvez 8-10 dias de diferença de idade, e fraco. Limpei o ninho, puz nova serragem pois a velha estava bastante molhada.

Alguns dias após, o filhote maior saiu do ninho. Ele, nesse tamanho de viveiro, encontrou facilidade para voltar ao ninho, e o fez poucas vezes ao dia e nesses dias, sempre à noite. Com ± 15 dias de saída do ninho, ele já comia de tudo um pouco e podia tranquilamente ser separado dos pais. Continuou sendo alimentado por ambos os pais menos vezes e com menor quantidade de alimentos. O outro filhote saiu do ninho com ± 10 dias de diferença e com os pés mutilados, dedos pela metade, em maior grau nos da frente. Mostrou-se estranho e morreu forte e gordo, uma semana após sair do ninho. O filhote maior foi colocado junto com os pais num viveiro maior (3.50 x 2,00 com 1.00 de largura). Voava perfeitamente, comia bem, mas seu comportamento era de quem não se expõe muito.

Seu tamanho era 10% menor no seu todo em relação aos pais. Suas penas menos brilhantes, porém perfeitas em sua coloca-

ção junto ao corpo. Fez um complemento de muda com ± 6 meses. Nessa idade era extremamente brincalhão e curioso.

Em setembro de 1982 o casal criou de novo, sem nenhuma grande particularidade. Obtive 2 filhotes; encontrei 2 ovos gorados no ninho. Em 1983, o casal não criou; tive durante esse ano um surto de doença que me fez perder muitos Amazonas (inclusive os 3 filhotes desse casal). Dei diversos remédios, sulfas, e isto deve tê-los indispostos à criação. Em 1984 criaram novamente, só que bem mais cedo. Em julho a fêmea chocou e obtive dois lindos filhotes.

A comida tem sido a mesma, tenho notado a grande dependência da verdura, durante todo o período de alimentação. Estou atualmente retirando o girassol pouco a pouco, em razão do excessivo óleo que contém. Está sendo substituído por uma mistura de 1/4 de milho, 1/4 de soja, 1/4 de arroz em casca (molhados por 12 horas) e 1/4 de ração de cachorro adicionada na hora. Verduras e frutas diversas. Uma vez por semana "papa" com aditivos minerais. "Pedrinhas" de cal e galhos verdes ou não, com casca. Uma vez por ano, todas as minhas aves recebem vermífugo. Adiciono-o ao bebedouro de água que é retirado de véspera para que a água seja consumida mais seguramente.

Todas as aves passam sempre que possível por períodos em viveiro grande, onde podem voar, banhar-se na chuva e tomar sol. Dou banho com borrifador em dias mais quentes. Não separo o casal no período em que não está criando.



A.a. aestiva

Descrição: adultos-tamanho 37cm; cor geral verde; margem das penas com preto, particularmente no pescoço e costas; fronte e parte dos lados, azuis; parte anterior da cabeça, amarela matizada de branco; parte posterior da cabeça, regiões peri-orbitárias e auriculares, parte posterior das bochechas e garganta, amarelas; curva das asas, vermelha; secundárias externas com vermelho na base; demais secundárias, verdes passando a azul-violeta nas pontas; primárias idem; penas laterais da cauda, com barra vermelha na base; tíbias verdes com amarelo; tarsos e bico, cinza-preto; íris laranja.

Nome populares: Papagaio verdadeiro, baião, comum e Ajuru-etê.

Nome científico: Amazona aestiva aestiva (Linné).

Sub-família: Psittacinae

Família: Psittacidae

Ordem : Psittaciformes

Distribuição geográfica: desde o sul do Piauí, até ao Rio Grande do Sul e sudeste do Mato Grosso do Sul (sem atingir o litoral).

Estação de criação na natureza: de outubro a março.

Ninho na natureza: em ocos de árvores.
Ovos: 38,1 (36,1 - 40,8) x 29,6 (28,0 - 30,6)mm; formato oval.

(Registra-se ainda a sub-espécie Amazona aestiva xanthopteryx (Berlepsch), que se distingue da focalizada neste artigo, por ser em geral maior e mais colorida de amarelo, principalmente nas asas. Sua distribuição estende-se desde a Bolívia até ao norte da Argentina, passando pelo Paraguai e sudoeste do Mato Grosso do Sul)

BIBLIOGRAFIA

- Forshaw, Joseph M. - Parrots of the World - David & Charles Ltd. , London 1973 e 1978- 616 págs.
- Low, Rosemary - The Parrots of South America - John Gifford Ltd. London, 1972 - 290 págs.

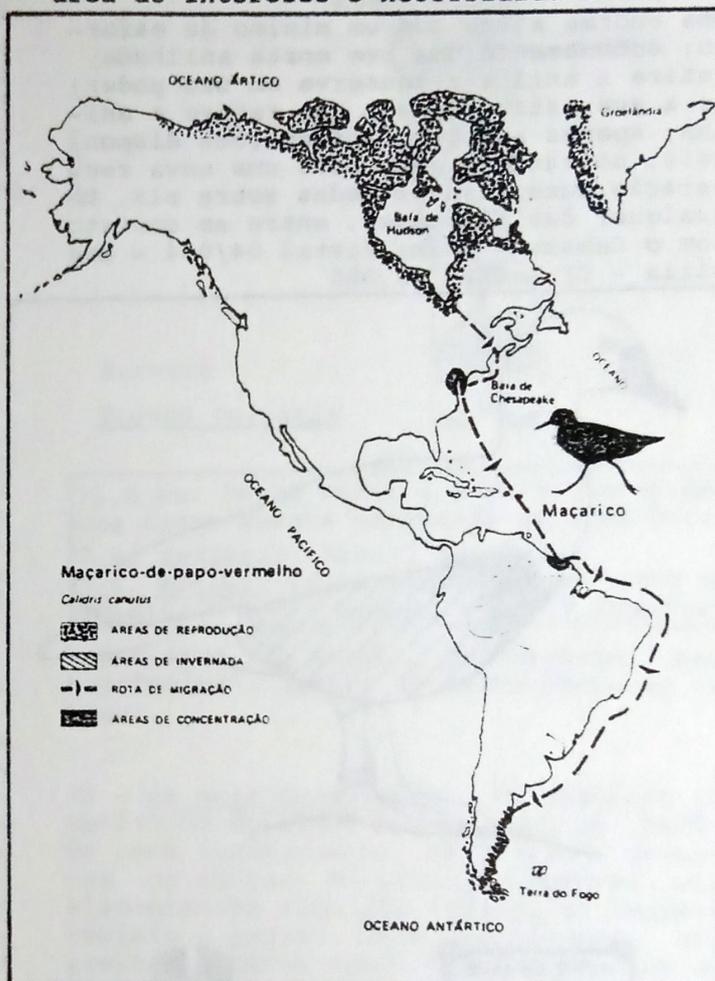
MIGRAÇÕES - ANILHAMENTO DE AVES

Autor: Joaquim S. Carvalho

Em 1977 foi criado o Centro de Estudos de Migrações de Aves - CEMAVE, com sede em Brasília. A finalidade básica do CEMAVE é o estudo dos grandes movimentos que podem ser observados em populações de di-

versas espécies de aves, sejam esses movimentos continentais ou locais.

Das mais de 1580 espécies de aves cadastradas no Brasil, 119 são migrantes de longo curso. Para estas aves, não só é importante a preservação das suas áreas de nidificação e de inverno, mas também, os locais de passagem (alimentação e descanso). Já é fácil perceber que, ainda que uma área seja preservada num determinado país, a medida será inútil se um outro país ou Estado, não preservar também a área de interesse e necessidade da ave.



Exemplificando: um certo maçarico, reproduz-se no Canadá; inicia o seu movimento migratório concentrando-se na Baía Chesapeake, Estados Unidos. Dirige-se até ao Suriname, América do Sul, sem escalar; ali permanece alguns dias nos mangues, alimentando-se; ali também se concentra como nos Estados Unidos. Depois, dirige-se pela costa do Brasil até ao sul da Argentina em bandos mais esparsos.

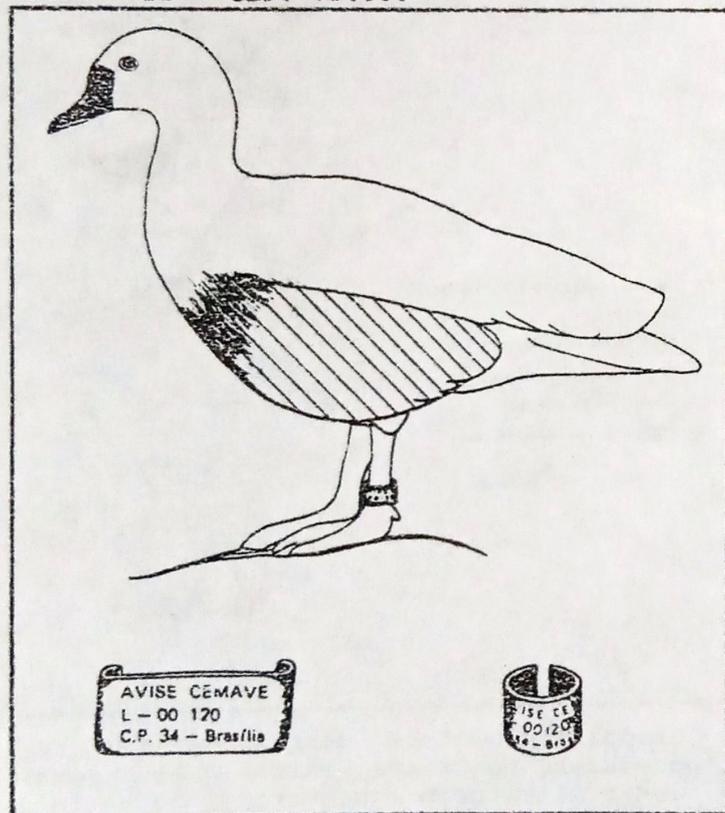
Se os locais intermediários onde os maçaricos se concentram e alimentam, sofrerem importantes modificações, seja por poluição ou por qualquer outro tipo de interferência humana, de nada adiantarão as eventuais e rigorosas medidas de proteção do Canadá e da Argentina, porque a espécie tenderá à extinção. Pelo exposto, se constata a necessidade de estudar a migração das aves, para se evitar desastres irreversíveis.

Autor: CARLOS KELLER

2-a) AVES INSETÍVORAS - ALIMENTAÇÃO

A técnica mais empregada para esse estudo é a do anilhamento. Mas o anilhamento só por si não é o bastante. O ciclo se fecha, quando alguém encontra uma ave anilhada e faz a comunicação ao Cemave. Esse alguém, esse recuperador, pode e deve ser qualquer pessoa que tenha a oportunidade diante de si e convenhamos que nós, leitores de assuntos dedicados às aves e portanto atentos observadores da natureza, estamos dentro do grupo que efetivamente têm oportunidades e principalmente consciência delas.

Uma enorme ajuda com um mínimo de esforço; encontrando uma ave morta anilhada, retire a anilha e conserve em seu poder; se a ave estiver viva, não retire a anilha, apenas anote as informações disponíveis, soltando a ave, pois uma nova recuperação aumentará os dados sobre ela. Em qualquer das hipóteses, entre em contato com o Cemave - Caixa Postal 04/034 - Brasília - DF - CEP: 70.000



Fonte: Uma Anilha Devolvida - o que isto representa. edição do Cemave.

Os pássaros insetívoros são os que mais amedrontam o criador como sendo um "bicho de 7 cabeças". De fato, são extremamente trabalhosos na época de ambientação mas logo que acostumados à alimentação imposta, dão o mesmo trabalho que os frugívoros ou carnívoros.

O problema não é criar um tipo de alimento que satisfaça os requisitos da ave, mas sim encontrar um tipo de alimento que a ave aceite comer. A maioria dos alimentos que temos disponíveis são tão diferentes dos insetos vivos que a ave está acostumada a comer, que na maioria dos casos ela não reconhece aquilo como sendo comida e acaba por morrer de fome. Por sorte, a maioria das aves insetívoras estão acostumadas a comer outra coisa mais além de insetos, como as frutas, raras vezes o néctar das flores, e para os maiores, os lagartos e lagartixas. É por esse alimento alternativo que devemos começar a acostumar a ave a aceitar a alimentação imposta. Podemos dizer portanto que os insetívoros podem se dividir em vários grupos:

I - Os meio-frugívoros - como alguns traupídeos (gênero Nemosia, Hemithraupis, Trichothraupis, etc.), os surucuás, as pittas da Ásia, o melro shama da Índia, os niltavas da Malásia, etc. Para estes, deve-se iniciar com larvas de tenébrio ou de mosca, drosófilas e frutas.

(Como se obter e criar essas larvas você lerá no item 2-c).

Assim que se obtiver os pássaros deve-se colocá-los em gaiolas individuais em local isolado. A seguir ofereça em um cocho próximo ao poleiro, as larvas, de preferência em uma tijela branca para ficarem visíveis. Ao lado, adicione um pedaço de fruta, de preferência o mamão ou a banana. Na água, um soro como o pedialite ou um pouco de açúcar ou karo auxiliam a recompor as energias perdidas. (O Pedialite deve ser dado puro, sem diluição).

É muito importante essa fase. Se a ave não comer nada, e o tempo for passando, o melhor é soltá-la antes que ela morra de inanição.

Os insetívoros enganam muito no seu comportamento, permanecendo agitados até às portas da morte. Geralmente, o sinal de alerta é o comportamento de ansiedade, on

SOB

SOCIEDADE ORNITOLÓGICA BANDEIRANTE

RUA DOMINGOS DE MORAIS, 2829 SALA 3

V. MARIANA 04035 SÃO PAULO

REUNIÕES AS 3ªS FEIRAS - 20,30h

de a ave pula pela gaiola sem parar, como que à procura de algo. Quando ela assim fica, e até deixa de se incomodar com a presença de pessoas, o caso já está grave e a soltura deve ser feita sem demora. Esse comportamento, no entanto, é muito raro nos pássaros "insetívoros-frugívoros", pois logo que a fome apertar eles atacarão a fruta. A única exceção é com os surucuás, que acostumados a capturar em vôo além dos insetos, as bagas de que se alimentam, não estão acostumados a comer larvas nos cochos ou a tirar pedaços de frutas com o bico. Por sorte, os sucuruás são muito quietos e quando amedrontados, ao invés de se debaterem, ficam estáticos nos poleiros. Nessa hora, o leitor deverá pegar uma varinha fina e comprida, ou um arame, e na sua ponta espetar uma larva ou um pedaço pequeno de fruta e agitar esse alimento, vagarosamente, na frente do bico da ave.

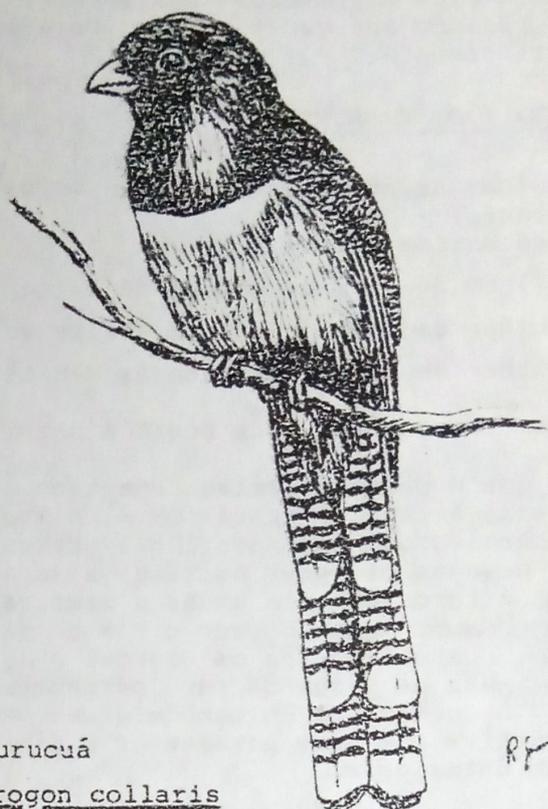
O surucuá, por movimento reflexo, irá abocanhar a presa, que julga ser um inseto em vôo. Dessa forma, deve-se aproximar as abocanhadas da ave até próximo ao cocho onde está o resto da comida. Pássaros de porte maior como o sucuruá podem ser capturados filhotes quando ainda no ninho e criados no bico onde ficarão mansos e não passarão por essa fase difícil de adaptação ao alimento artificial do cativeiro. Para tanto, a papa dos frugívoros, mais algumas larvas, mais a "mistura para carnívoros" (descrita no item II desta parte do artigo) é o suficiente.

Assim que esses pássaros passarem a fase de não comer nada, para a de comer alguma coisa, qualquer que seja, inicia-se a 2ª fase da adaptação que é a de adaptá-lo à comida padrão, que é a papa e a ração. A ração mais recomendável para aves insetívoras, é a que contém maior quantidade de proteína, no caso a farinha de sangue ou de carne, contida na ração para cães. Os grânulos da ração devem ser quebrados (ver alimentação dos frugívoros) e o pedaço de fruta apreciado deve ser misturado com a ração e deve ser gradativamente diminuído até a ave começar a comer a ração seca. O mesmo deve ser feito com a "papa de frutas".

Assim que a ave passe a comer tanto a papa de frutas como a ração seca, ela deve ser tratada com o mesmo regime alimentar dos frugívoros (parte I deste artigo), que consiste em papa pela manhã, fruta à tarde e ração permanentemente. É imprescindível uma grande dose diária de larvas de mosca ou tenébrio e para os menores não devem faltar as drosófilas. Ovo cozido ao lado também é recomendável.

Para os surucuás, as frutas devem ser picadas e salpicadas por cima de "comida-branca" (ver 1ª parte deste artigo item 1 a).

Obs: Os sucuruás também são ávidos por



Surucuá
Trogon collaris

22.5 cm. Peito verde e barriga vermelha; uma faixa branca separando as duas cores.
T.c. collaris: Brasil amazônico
T.c. eytoni: Faixa atlântica do leste do Brasil.
Desenho de Rolf Grantsau

carne crua, ou melhor, da "mistura para carnívoros". (parte II desta parte do artigo).

II - Os meio-Carnívoros - Os pássaros insetívoros de maior porte, como os pavões do pará (sunbittern), os martim-pescadores, as chocas, os cucos, as jurucas, etc., alimentam-se além dos insetos, de pequenos répteis e peixes. Conseqüentemente, logo aceitam a carne crua. É por esse lado que devemos começar com a adaptação. O ovo também é um forte item de persuasão para se iniciar a adaptação. Assim que a ave chegar, devemos como sempre colocá-la em uma gaiola individual. Após isso, o cocho com larvas e o soro (pedialite) ou Karo na água devem ser administrados.

Sempre que se puser algum açúcar na água, devemos usar o cocho externo de plástico, para evitar que a ave se lambuze na água doce. Assim que a ave se saciar e se fortalecer com as larvas, estas devem ser retiradas (caso sobre alguma) e a carne já convertida na mistura para "carnívoros" deve ser administrada no mesmo cocho. O apego da ave somente à larva deve ser evitado pois impossibilita a 2ª fase da adaptação à ração e à papa.

A ave sabe distinguir perfeitamente a larva em movimento da ração, escolhendo-a no meio desta e não tocando na ração. Já a

"mistura para carnívoros" irá se aderir à ração, fazendo com que o pássaro coma tudo indistintamente.

MISTURA PARA CARNÍVOROS

- . 1 colher de sobremesa de carne moída (coração)
- . 1 ovo cozido
- . 1 colher de sopa de gérmen de trigo
- . 1 colher de sopa de Molico (leite em pó)
- . 1 colher de sobremesa rasa de Meritene

Amassar tudo em forma de pasta e servir.

Assim que o pássaro estiver adaptado à ração seca, à papa de frutas ou à mistura para carnívoros, não haverá mais risco de vida. Deve-se oferecer portanto a papa de frutas à tarde, e pela manhã a mistura para Carnívoros. Durante todo o dia a ração de cão, granulada para os grandes e quebrada para os pequenos, deve permanecer no cocho. O queijo ralado também é uma ótima alternativa que pode permanecer o dia todo sem deteriorar.

As larvas de todo o tipo devem ser servidas em abundância, mas o extremo excesso pode causar diarreia. As jurucas e os martim-pescadores pequenos, apreciam bastante a "papa de frutas", enquanto que os demais são mais apegados à carne. Para os que relutam em aceitar a "papa", o melhor é servir a mistura para carnívoros duas vezes por dia, ou alterná-la com queijo ralado.

III - Os meio-Nectarídeos - Os insetívoros que também aceitam néctar são bastante raros, estando representados quase que apenas pelas Diglossas nas Américas e pelos Zosterops na Ásia e Oceania. São aves pequenas e delicadas, que logo aceitam o néctar mas nem sempre comem as larvas de tênbrio. Por serem muito pequenos, o melhor é servir a "larva do amendoim" (ver parte 2-c).

Quanto ao néctar, servir como se fosse para as aves de néctar ou suimangars (ver parte 3 deste artigo - Alimentação das aves de néctar). Não devem permanecer por muito tempo em gaiolas, pois isso dificulta a captura das drosófilas que lhes são primordiais. Devem portanto ser soltos em um pequeno viveiro, se possível plantado e com uma boa caixa de drosófilas. (parte 2-c).

Nos primeiros dias o leitor deverá tirar o fundo da gaiola individual, deixando apenas a grade do fundo e colocar a gaiola por sobre a caixa das drosófilas. O cocho com o néctar deverá ser colocado próximo aos cochos de papa e ração seca, pois essas aves, principalmente o zosterops com sua natural curiosidade, irão experimentar por si só a ração e a papa, podendo sempre comer um pouco.

As Diglossas apreciam e se adaptam facilmente à "papa de frutas", desde que esteja já em uma consistência bem líquida. Já os Zosterops terão sua atenção voltada mais para a ração seca. O importante é não esquecer que o néctar (que deverá ser trocado 2 vezes por dia) e as drosófilas e larvas é que serão a sua base alimentar.

IV - Os Insetívoros por excelência - Muitos são os que se incluem nessa categoria, e como nos itens acima só vou citar alguns exemplos: os papa-moscas (Tiranídeos), os curriqueiros (Furnarídeos) os papa-formigas (Formicarídeos) as mariquitas (Parulídeos), os jacamares, rollers, etc.

Dentre todos, os papa-formigas são os mais fáceis, ou melhor, os menos impossíveis. Os papa-formigas, acostumados a ciscar no chão, logo aceitam as larvas oferecidas - no cocho, mas na 2ª fase, que é a da adaptação para a comida padrão é que aparecem as dificuldades. Talvez, se picarmos as larvas junto com o queijo ralado, quem sabe...? é uma hipótese a se comprovar.

Os outros, são aves acostumadas somente a comer insetos vivos e capturados em voo. Os tiranídeos como a tesoura, o siriri, etc, com exceção do bem-te-vi, que come carne e frutos, muito raramente são vistos em cativeiro. Poucos possuem coloração atrativa que compense o esforço e risco de vida para a ave que o cativeiro acarreta.

Talvez a mãe do sol (Pyrocephalus rubinus) e o lecrê (Onychorhynchus coronatus) são os tiranídeos mais belos, mas muitíssimo raros no cativeiro. Os jacamares da América, os abelharucos da África (Merops) as corruiras multicoloridas da Austrália (Malurinae), os papa-moscas do paraíso da Ásia e África (Terpciphone), entre muitos outros, são os mais procurados por sua beleza e muito tem se tentado, e com sucesso, para mantê-los no cativeiro.

A melhor e mais segura maneira, ainda é a de se pegar os filhotes ainda novos no ninho e criá-los no bico, como já disse no item anterior. Os maiores, como os jacamares, merops, etc., são fáceis de se adaptarem e de se criarem, pois comem larvas e bolinhas pequenas de "mistura para carnívoros" sem problemas; mas as corruiras australianas, acredito que sejam extremamente difíceis. Nunca tive acesso a essas últimas, mas já li artigos sobre sua manutenção em cativeiro, infelizmente não descrevendo a fase difícil de adaptação. Em todo caso, acredito que com paciência, até estes podem ser criados "no bico". O importante é que se tenha consciência do risco de vida para a ave desse tipo, que o cativeiro acarreta na fase de adaptação. Não se deve portanto, vacilar ao soltar o pássaro em local apropriado na natureza caso ele não corres-

ponda com as tentativas de adaptação ao alimento imposto. Creio que o limite máximo para não debilitar a ave são 48 horas. Depois disso ela deve ser solta sem demora.

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

BIGODINHO - CRIAÇÃO E MUTAÇÕES

Autor: Ennio de Araújo Flecha

Nomes Populares: Bigodinho, Estrelinha, Coleirinha, Coleiro, Papa-cáxim e Cigarrinha. Na Argentina: Corbatita negra e blanca em inglês: Lined Seedeater.

Existem três formas desse mavioso cantor, sendo que no Brasil ocorrem duas. O Sporophila lineola lineola (Linnaeus, - 1758) em praticamente todo o Brasil, desde a Colômbia e o Equador, nordeste do Peru e Bolívia, Brasil até Paraguai e Ar

BIGODINHO



Desenho de Rolf Grantsau

gentina, e o Sporophila lineola bouvronides (Lesson, 1831) no norte da América do Sul incluindo uma parte do norte do Brasil. A outra sub-espécie Sporophila lineola restricta (Todd, 1917) não é brasileira.

O Bigodinho, que mede de 110 a 120mm, tem o lado dorsal preto azulado lustroso, garganta também preta, vértice da cabeça e bochechas com uma faixa quase triangular branca e peito e ventre brancos. Tem ainda um espelho branco nas asas. Bico, pernas, pés e olhos negros. Essa a descrição do nosso Bigodinho - Sporophila l. lineola porque o S. l. bouvronides não tem a faixa branca no alto da cabeça, existindo apenas uma como que linha pontada só perceptível com a ave na mão. O seu nome popular vem exatamente das estrias brancas que correm sob cada olho, à maneira de um pequeno bigodão.

A fêmea no geral é parda sem o lustro da coloração do macho e de cor marrom olivácea claro.

É excelente cantor, cujo canto varia muito conforme a região, formando dialetos bem distintos. Muito disputado pelos admiradores dos cantos das aves, sendo frequente encontrá-lo nas gaiolas dos passarinhos a discorrer seu canto alegre, curto porém constante, que mais parece uma cascata de tons em crescendo. À época do acasalamento e criação é comum vê-lo nas copas das árvores próximas do ninho a cantar repetidamente como a determinar seu território, afastando todos os intrusos. Faz o ninho em laranjeiras, jabuticabeiras ou pequenos arbustos a cerca de 2 metros do solo, com raízes trançadas, em forma de taça, bem ralo, onde a fêmea deposita 3 ovos que incuba por 13 dias.

Na fazenda que possuía no Sul de Minas, até há pouco tempo, todos os anos vários casais nidificavam no pomar, dividindo-o em territórios que não abrangiam mais 40 x 40 metros. Muitas vezes anilhei os filhotes nos ninhos, na esperança de reencontrá-los mais tarde. Todavia jamais voltei a ver algum anilhado. São aves migratórias internas (aves de arribação como dizem os "passarinheiros"), só aparecendo na primavera para criação, sumindo após a última postura que se dá em abril.

Normalmente os Bigodinhos acompanham os Tizius e Coleirinhas nessa migração, aparecendo na seguinte ordem: primeiro os Tizius, depois os Coleirinhas e por último os Bigodinhos. Estes em menor quantidade de sempre.

Acredito que eles ao sumirem das hortas, pomares e adjacências das cidades e habitações das fazendas, quando as sementes dos capins de um modo geral e em especial as do Digitaria ciliaris, que muito apreciam, secam e caem, e quando o calor do

verão vai cedendo às primeiras rajadas frias do outono e inverno, procuram as baixadas mais quentes, emigrando para lá onde poderão suportar a muda de penas melhor protegidos.

Alimentam-se então de quaisquer sementes que encontram e pequenos insetos, sempre em lugares não muito longe das regiões onde nascem. Não acredito em migrações de grandes distâncias. Mantenho essa opinião porque desde os meus tempos de rapaz, acompanhando meu pai, na cidade de Diamantina, Minas, nas incursões à busca dos pássaros, várias vezes encontramos nas baixadas às margens do rio Jequitinhonha os Bigodinhos, Coleirinhas, Tizius, Pintassilgos, etc., em muda, praticamente estáticos em pequenos arbustos, não atendendo aos "chamas" que levávamos para atraí-los. Lembro-me bem que meu pai dizia: "É por aqui que esses pássaros se escondem, fora da época de criação quando arribam para as cidades". Mais tarde nas minhas viagens pelo interior, voltava a encontrá-los nas mesmas circunstâncias e lembrava-me do passado. Entretanto, não é uma conclusão científica, apenas de observação no campo. Fica a última palavra por conta dos estudiosos que queiram se dedicar à verificação desse fenômeno.

Em cativeiro eles precisam de viveiros grandes para reprodução, o que acontece também com os Coleirinhas de um modo geral. Aqui em casa só consegui reproduzi-los soltando no salão que mede 30 x 3mts. um casal juntamente com outro de Sporophila nigricolis-macho e fêmea mutação canela - e onde o Bigodinho fez 3 ninhos com 3 posturas de 3 ovos cada, nascendo normalmente os 9 filhotes.

Os ovos são esbranquiçados um pouco puxados a creme, com manchas estriadas arroxeadas e escuras, medindo 17,5 x 13mm. Quando tratavam dos filhotes que nasceram aqui em casa, coloquei perto do ninholarvas de Palembus dermestoides e pequenas larvas de Tenebrio molitor que eles apreciavam e alimentavam os pequenos Bigodinhos repetidas vezes ao dia. Isto tanto o macho como a fêmea.

Tenho três mutações de Bigodinho, todas fêmeas, duas canelas bem pronunciadas, - sendo uma mais escura com o tom cinamon-bem carregado e a última amarela. Todas têm bicos, pernas e pés claros e os olhos de cor marrom avermelhada comum a essas mutações.

Bibliografia:

- H. von Ihering - "Catálogo Crítico-comparativo dos Ninhos e Ovos das Aves do Brasil"
- Rolf Grantsau - Arquivo do seu livro em preparo para publicação.
- Theophilo Salem da Silva - "Espécies de Digitaria"
- Meus arquivos

NOTAS E NOTÍCIAS

O SOBoletim está sendo muito bem recebido pelos sócios; inúmeras são as cartas e os comentários favoráveis. Gostaríamos de continuar recebendo sugestões, para melhorar aquele que deve ser o órgão principal de comunicação para a grande maioria dos sócios.

Algumas entidades estão recebendo regularmente o SOBoletim. São elas: Museu de Zoologia da USP - setor Biblioteca; Fundação do Parque Zoológico de S. Paulo - setor Biblioteca; Museu E. Goeldi - Belém; IBDF - Delegacia de São Paulo; Jornal "O Estado de S. Paulo" - Suplemento Agrícola; Associação Brasileira de Ornitologia Amadora e Sociedade Ornitológica Mineira. Algumas individualidades da Ornitologia não ligadas à SOB, também recebem o nosso boletim. Por exemplo, Profs. Helmut Sick e Dante Teixeira do Museu Nacional

Em março, numa terça-feira, o competente fotógrafo profissional Haroldo Palo Junior, realizou na sede da SOB uma palestra enriquecida com a projeção de slides, resultantes do trabalho realizado na Antártica no início deste ano, quando participou da expedição do navio Barão de Teffê. As fotos de altíssima qualidade, mostraram paisagens e aves daquele mundo gelado. Para quem não sabe, o Haroldo além de sócio da SOB, é o delegado em São Paulo do COA, Clube de Observadores de Aves.

O COA - Clube de Observadores de Aves, realizou em abril um Encontro a nível nacional, no Parque Nacional do Itatiaia, Rio de Janeiro. Muitas observações e gostoso convívio, foram a tônica nos três dias do evento. Aconteceram palestras de Rolf Grantsau e Haroldo Palo Jr.

Aqueles que quiserem pagar a anuidade de 1985 (CR\$ 40.000) via bancária, poderão fazê-lo, remetendo a crédito da conta nº 224.576 - agência Vila Mariana - São Paulo, Banco Nacional S.A.



EUROBRAS

O fotolito para a capa a cores deste número, foi executado graças à colaboração da empresa santista EUROBRAS, agência de navegação-afretamentos e entidade estiva dora, bem como ao empenho do consócio Antonio Penha Maia.

A eles, o nosso agradecimento.